



Crônica

Juntos podemos MUITO mais

Eram 18h. Finalizada a aula, ainda sentados no banco da sala de aula da faculdade, os colegas de classe Laura e Joaquim conversavam, como de costume, comentando o quanto aquela última aula havia sido descontraída e divertida, mas, ao mesmo tempo, já estavam preocupados com a semana de provas que estava por vir. Nesse momento, Laura observa o calendário para se organizar quanto aos estudos e, de repente, dá um grito empolgado:

_ Olha, Joaquim, hoje é 18 de maio!

Após o susto com o grito de Laura – até eu, mera narradora, confesso que também me assustei – e sem entender o porquê desse alvoroço todo, ele falou:

_ Sim, eu sei, e o que é que tem? Quem faz aniversário hoje? – disse Joaquim, sem dar muita importância.

_ Você sabia que não só neste dia, mas em todo o mês de maio, são realizadas ações do Movimento da Luta Antimanicomial, também conhecido como MLA? Eu li sobre isso esses dias no Instagram.

_ E precisa disso tudo, menina? Nunca ouvi falar. O que você quer dizer com isso? – perguntou Joaquim.

_ Pelo que entendi, é um movimento que luta pela garantia de direitos e pela inclusão das pessoas com transtornos mentais na sociedade para que elas possam ser cuidadas em liberdade, fora dos manicômios, com dignidade e respeito. Tudo isso começou quando, na década de 70, profissionais de saúde mental se revoltaram com alguns maus tratos contra pacientes em um hospital psiquiátrico.

Cá pra nós, querido leitor, Laura é daquelas pessoas que “sabem de tudo” e gostam de “palestrar” sobre qualquer assunto. Todo mundo conhece alguém assim, não é? Mas, voltando, essa história, de tantas que ela conta, não sei o porquê, mas me chamou a atenção. Até eu quero saber mais, e acho que Joaquim concorda comigo...

_ Nossa! Que interessante, Laura! Já vou pegar aqui minha pipoca que estava guardada na mochila! Quero saber tudinho. E o que aconteceu depois? – perguntou ele, dessa vez empolgado.

Laura, então, continuou:

_ A partir do acontecimento que te falei, os profissionais de saúde mental começaram a se reunir com frequência em eventos, questionando aquela forma de tratar e solicitando a melhoria de cuidados das pessoas com transtornos mentais. Com isso, o movimento foi ganhando força com mais gente participando, além desses profissionais e das próprias pessoas com transtorno mental e seus familiares; até que em um encontro, se não em engano em Bauru, já na década de 80, por aí, o movimento foi oficializado. É o que eu lembro da história. Eles são chamados, também, de mentaleiros! Isso mesmo que você pensou, pois lembra o barulho que eles fazem em prol dessa causa, assim como o heavy metal, aquele rock pesado.

Nesse momento, ambos riram e fizeram com alegria e entusiasmo o símbolo do rock. – Estamos na mesma sintonia – disse Laura.



Sentindo o cheiro delicioso que vinha da pipoca doce de Joaquim, ela não se conteve e falou: _ Humm... Adoro essa pipoca! Me dá um pouquinho?

Aos risos, Joaquim falou:

_ Gulosa você, hein? Mas, puxa vida, que causa importante! E quem mais faz parte do Movimento da Luta Antimanicomial? Porque tem um primo meu, me lembrei disso agora, que tem oito anos e mora com a minha avó. É ela quem cuida dele. Ele faz tratamento em um lugar lá no meu bairro: no CRAP, CAS...

_ Deve ser CAPS! – frisou Laura.

_ Isso! CAPS. O dele é o CAPSij, que é para crianças e adolescentes, mas existe para adultos também. Sei que eles cuidam de quem tem sofrimento mental. Minha avó leva o meu primo sempre. Então a gente também pode participar desse movimento? – Joaquim perguntou, agora, realmente, BEM mais interessado.

Foi aí que Laura viu uma brecha para palestrar mais ainda. Mas, convenhamos, querido leitor, hoje a gente deixa, né? Ela continuou com aquele belo e entusiasmado sorriso característico que tem.

_ Ah, claro que sim, Joaquim! A família é muito importante e parceira não só no apoio e no cuidado, mas, também, pode se engajar socialmente, visto que assim o movimento ganha ainda mais força e crescem as chances de conquistar as melhorias necessárias. Todo mundo pode participar, como conselhos de classes, movimentos sociais, órgãos públicos, instituições, enfim, toda a sociedade – finalizou Laura.

_ Vixe! E eu nem sabia disso! Minha avó deve saber porque ela vai toda semana no CAPS e participa de reuniões lá. Em todo o caso, quando for almoçar na casa dela, domingo agora, vou dizer tudo a ela, tim tim por tim tim, palavra por palavra, porém só depois, claro, de receber aquele abraço gostoso que só ela sabe dar e de tomar aquele cafezinho bem cheiroso e irresistível que só ela sabe fazer! Até salivei agora só de lembrar...

_ Foi longe hein, Joaquim? Que lembrança boa! Família é tudo de bom mesmo! – suspirou Laura. De repente, Joaquim ficou em silêncio, reflexivo.

_ Mas todas as pessoas não deveriam se internar para melhor se tratar? Às vezes penso que seria o ideal pro meu primo, sabe? Para resolver logo esse problema dele! Alguns vizinhos até reforçam isso: que o lugar dele é no hospital psiquiátrico e não em casa.

Laura agora ficou mais séria e falou com calma:

_ Olha, Joaquim, pelo que eu li, e que tem, inclusive, em lei, a internação não deve ser a primeira alternativa de tratamento. A gente entende a angústia das famílias e até mesmo da Justiça, que podem achar que internar em instituições asilares, como hospitais psiquiátricos e comunidades terapêuticas, resolve o “problema”, mas não é bem assim. Por isso é importante a gente se informar e lutar pelos serviços que tratam em liberdade, inclusive solicitando maiores investimentos.



Pois há formas, sim, de cuidar em liberdade. O movimento luta justamente para não excluir as pessoas da sociedade e garantir direitos, o que evitaria alguns preconceitos e estigmas. Já parou para pensar se fosse com você? Como gostaria de ser cuidado? Imagina só como seria legal você poder realizar o seu tratamento podendo estar junto da família, conversar com os amigos, estudar, jogar bola, caminhar pela praça sentindo aquele vento refrescante no rosto? – perguntou Laura.

_ É mesmo, Laura! Parando agora para refletir, realmente é importante que a gente, enquanto sociedade, veja e acolha as pessoas com transtorno mental sem preconceitos e com respeito! – concluiu Joaquim.

Laura aplaudiu o colega e completou:

_ Exatamente! Disse tudo, Joaquim! Precisamos nos engajar e lutar para que a nossa cidade possa ter condições de cuidar de todos, independente de cor, raça/etnia, sexo e condição social, ou seja, com dignidade e sem exclusão.

A conversa estava realmente bem interessante, mas já passava das 19h. Julice, umas das coordenadoras, passou por eles e perguntou se eles ainda iriam demorar, porque dali a pouco tempo a turma da noite já iria começar a chegar. Eles sorriram dizendo que já estavam terminando e iriam embora.

Joaquim, então, se levantou empolgado e com brilho nos olhos disse:

_ Amei a nossa conversa, Laura! Essa sua palestra de hoje foi show! (os dois riram)
E continuou:

_ Mas, sério: agora vou falar em alto e bom tom, para todo mundo ouvir, que sou um mentaleiro também e para quem me perguntar já sei esclarecer o que é. Ah, e já vou pesquisar quando é a próxima reunião do conselho gestor do meu posto de saúde, porque já quero participar das reuniões, verificar se estão dando acesso às pessoas em sofrimento mental e se existem serviços suficientes. Nossa, fiquei animado para me engajar socialmente e participar do Movimento da Luta Antimanicomial, além de outras causas também. Este é meu papel enquanto cidadão! E você, vem comigo?

Autores:

Adriana Arruda Madeiro Pessoa (mestranda)

Prof. Dr. Euclides Maurício Trindade Filho

Profa. Dra. Almira Alves dos Santos

